

Terceira Civilização - Proposta de Paz

A determinação de nunca deixar para trás aqueles que enfrentam desafios (Parte 2 de 7)

A primeira área temática que quero examinar é a determinação de nunca deixar para trás aqueles que estão lutando contra intensas adversidades e se encontram isolados, enquanto a percepção que temos da crise cada vez mais se normaliza.

Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como uma pandemia, em 11 de março do ano passado, o número de infectados e de mortes são presenças constantes nas notícias diárias. A fim de refletir sobre o significado real dessa estatística, atualizada de forma crescente em meio a uma disseminação aparentemente incessante da infecção, acredito que seria bom recordar as palavras da chanceler Angela Merkel em seu discurso para o povo alemão uma semana após o anúncio da OMS: "Estes números não são estatísticas abstratas, são sobre pais ou avôs, mães ou avós, parceiros — são sobre pessoas. Somos uma comunidade na qual cada vida e cada pessoa conta".³

Quando enfrentamos uma emergência ou um desastre em larga escala, não podemos nos esquecer nem perder de vista essa perspectiva. Isso é ainda mais essencial nos dias de hoje, pois nos confrontamos com uma pandemia que continua a ameaçar o mundo inteiro e nos acostumamos cada vez mais com a crise.

Em sua prática budista diária, os membros da SGI ao redor do mundo continuam a oferecer sinceras orações para a completa erradicação da Covid-19 o mais rápido possível e pelo repouso dos falecidos. E, no curso de nossas atividades, tomamos medidas de precaução rigorosas para evitar que a disseminação do vírus se amplie.

Desde setembro do ano passado, o Instituto Soka Amazônia, que me empenhei para fundar, vem plantando uma árvore para cada vítima da Covid-19 no Brasil como parte do projeto Memorial Vida.⁴ A iniciativa pretende honrar e reconhecer, com cada árvore plantada, aqueles com os quais compartilhamos a vida na grande terra brasileira — perpetuando sua memória e, ao mesmo tempo, contribuindo para o reflorestamento e a proteção da integridade ecológica da região amazônica.

O luto coletivo pelos falecidos e o compromisso de viver de forma que o legado deixado por eles seja honrado sempre constituíram um alicerce da sociedade humana. Hoje, no contexto em que se torna cada vez mais difícil nos reunirmos em um local para homenagear aqueles que se foram, é ainda mais crucial que não percamos de vista o valor de cada indivíduo e nunca deixemos que a vida seja reduzida a mera estatística.

Em meio à crescente normalização da crise em nossa vida diária e à necessidade de cada um tomar certas medidas para se proteger contra o vírus, corremos o risco de negligenciar as dificuldades particulares enfrentadas pelas pessoas mais vulneráveis da sociedade.

Nos esforços para conter a pandemia, os países priorizaram o fortalecimento de seus sistemas de saúde, junto com a introdução de uma variedade de medidas que são por vezes descritas como representantes de um "novo normal". Isso inclui práticas como o distanciamento social — manter uma distância física segura dos outros para se prevenir da exposição ao vírus —, o trabalho remoto e o aprendizado on-line, bem como permanecer dentro de casa o máximo possível. Essas medidas foram fundamentais para evitar a rápida disseminação da Covid-19 e reduzir a pressão aos sistemas de saúde.

De certa forma, o fato de um número maior de pessoas ter assumido uma atitude mais proativa, buscando inovar e se adaptar em resposta aos clamores para conter o alastramento da infecção, já é algo que supera a mera prevenção do risco. Essas inovações não apenas contribuem diretamente para proteger a vida de familiares, dos entes queridos e daqueles em nosso círculo íntimo de conexões; apesar de parecerem pequenas, essas contínuas ações incorporam a preocupação pelo grande número de pessoas "invisíveis" com as quais compartilhamos a vida na sociedade em geral.

Ao mesmo tempo, devemos suprir as necessidades das pessoas que já estavam com a vida vulnerável por discriminação e diversas disparidades, cuja possibilidade de viver com dignidade depende do apoio de contatos e de redes sociais gravemente impactados pela crise. Por exemplo, se o apoio àqueles que precisam de cuidados médicos diários for reduzido, isso poderá impedir seriamente a capacidade deles de tocar a vida. Não ter mais aquele precioso tempo que se passava com as pessoas de sua rede de apoio corrói os alicerces de uma vida digna. E, à medida que passamos mais tempo da nossa vida nos ambientes on-line — do trabalho à educação e às compras —, há um sério risco de deixar para trás aqueles que, por razões econômicas ou outras, não têm acesso a canais virtuais ou ainda precisam aprender sua técnica.

Além disso, sabe-se agora que, por conta de as pessoas estarem cada vez mais confinadas em casa, o número de mulheres expostas à violência doméstica cresceu assustadoramente. Muitas vítimas dessa violência não conseguem buscar e receber assistência de agências governamentais ou sociais devido à constante presença do agressor (marido ou companheiro) na casa.⁵

Enquanto as medidas para conter a disseminação da infecção se enraízam na sociedade e nos tornamos cada vez mais acostumados a combater a crise da Covid-19, é crucial nosso ativo e forte compromisso de proteger o grande número de pessoas cujo sofrimento corre o risco de passar despercebido. Devemos priorizar os esforços para aliviar a dor e a

sensação claustrofóbica de perigo dessas pessoas, fazendo disso o requisito para a reconstrução da nossa sociedade.

A OMS recomendou o uso do termo "distanciamento físico" em vez do "distanciamento social" para evitar a noção de que devemos limitar nossas conexões humanas com os demais, pois isso poderia agravar ainda mais o isolamento e a divisão social.⁶ Mesmo que o mundo tenha entrado em um túnel aparentemente sem fim e as circunstâncias vividas por outros estejam fora do nosso campo de visão, de maneira alguma devemos perder nossa bússola principal, o fato de que todos coexistimos em sociedade.

Gostaria de citar aqui as opiniões expressas pelo secretário-geral da ONU, António Guterres. Quando questionado sobre o que o "novo normal" significava para a ONU, durante o webinar *Coping with Covid* (Enfrentando a Covid), ocorrido em julho do ano passado, ele se recusou a descrever nossa presente circunstância em tais termos, e, em vez disso, a denominou "anormal".⁷ De fato, mesmo com o grande número de pessoas que foram lançadas em um estado de emergência inevitável devido à pandemia, devemos estar conscientes de que essas condições são anormais para os seres humanos.

Em outra ocasião, o líder da ONU frisou:

Fala-se muito sobre a necessidade de um "novo normal" depois da crise. Mas não nos

esqueçamos de que o mundo pré-Covid-19 estava longe de ser normal. Desigualdades crescentes, discriminação de gênero sistêmica, falta de oportunidades para os jovens, salários estagnados, mudanças climáticas — nenhuma dessas coisas é "normal".⁸

Compartilho profundamente de ambas as preocupações. Se permitirmos que essas desigualdades e distorções globais continuem inalteradas, esta situação deixará, de forma inevitável, mais e mais pessoas para trás, tornando muito mais difícil imaginar o mundo pós-Covid-19 que desejamos.

Apesar de a Covid-19 representar uma ameaça a todos os países, o fato é que existe uma grande diferença na severidade de seu impacto, dependendo das circunstâncias nas quais as pessoas se encontram. Por exemplo, cerca de 40% da população mundial vive em condições nas quais é incapaz de lavar as mãos com sabão de forma regular, método básico para prevenir a infecção. Isso significa que quase 3 bilhões de pessoas não possuem acesso a meios básicos para proteger a si mesmas e a seus entes queridos.⁹

Além disso, com o número de pessoas deslocadas à força de sua casa, em razão de conflitos ou perseguições, alcançando 80 milhões, muitos não têm outra saída a não ser compartilhar alojamentos próximos um dos outros em campos de refugiados. Essas condições tornam virtualmente impossível praticar o distanciamento físico.

Essas pessoas são obrigadas a conviver com o risco de uma exposição no caso de um surto de infecção.

A crise que o mundo enfrenta atualmente consiste em muitas ameaças complexas e entrelaçadas, o que dificulta a identificação das inter-relações — ação necessária para a resolução total do problema. Embora reconheça essa limitação, eu argumentaria que, mesmo enquanto nos esforçamos para desenvolver uma resposta abrangente, devemos sempre priorizar o atendimento ao sofrimento de cada um dos milhares dos seres humanos cuja vida é diretamente impactada.

A seguinte perspectiva budista pode ser útil nessa questão. Na parábola da flecha envenenada, Shakyamuni relata a história de um homem que havia sido alvejado e ferido por uma flecha envenenada. Antes de permitir que a flecha fosse retirada, ele insistia em saber quem havia feito o arco e a flecha, e a identidade — nome e clã — da pessoa que o acertara. Nenhuma medida poderia ser tomada enquanto as respostas para esses detalhes não fossem dadas. O que aconteceu com esse homem, enfatiza Shakyamuni, é que a flecha ficou alojada em seu corpo e ele acabou perdendo a vida. Shakyamuni usava essa parábola para encorajar aqueles discípulos que tinham uma tendência a intelectualizar e a teorizar, a se concentrar em questões que podem de fato afetar a vida humana.

O renomado estudioso de religiões do século 20 Mircea Eliade (1907–1986) chamou atenção para essa parábola, observando, de forma perspicaz, que os ensinamentos de Shakyamuni não tinham

como objetivo prover uma teoria filosófica sistemática. Eliade posicionou os ensinamentos de Shakyamuni como um tipo de tratamento médico para curar o sofrimento humano.¹⁰ De fato, Shakyamuni dedicou-se abnegadamente a remover a flecha envenenada; em outras palavras, a remover as causas intrínsecas do sofrimento humano. A origem viva do que conhecemos hoje como os ensinamentos do budismo é a ardente preocupação de Shakyamuni expressa em vários contextos e ocasiões.

Nichiren Daishonin (1222–1282), que expôs e propagou os ensinamentos do budismo no Japão do século 13 com base no Sutra do Lótus, a essência dos ensinamentos de Shakyamuni, descreveu seu poder como um “óleo adicionado a uma lamparina ou um cajado entregue a uma pessoa mais velha”.¹¹ Ou seja, Shakyamuni não empregou poderes sobre-humanos para salvar as pessoas. Em vez disso, ele se dedicou a lhes oferecer, por meio do diálogo, palavras que poderiam ajudá-las a revelar a força e o potencial já existentes na vida delas.

Encontramos o mesmo espírito nos ensinamentos budistas de Nichiren Daishonin, ao enfatizar a importância crucial de agirmos para eliminar o sofrimento e o desespero. Seu tratado Estabelecer o Ensino para a Pacificação da Terra foi escrito tendo como fundo de cena uma série de desastres naturais, fome e disseminação de epidemias que atormentavam a população japonesa. O tratado surgiu do seu profundo desejo de erradicar o sofrimento humano.

Em outro de seus escritos, Nichiren Daishonin descreve o intenso sofrimento de seus conterrâneos, afligidos por desastres recorrentes, da seguinte maneira:

Dessa forma, as três calamidades e os sete desastres continuam por décadas, e metade das pessoas foram dizimadas. Aqueles que permanecem [vivos] foram afastados de seus pais, irmãos e irmãs, ou de suas esposas e filhos, e choram com vozes não menos piedosas do que a dos insetos de outono. Família após família foi despedaçada e destruída como plantas e árvores quebradas pela neve do inverno.¹²

Foi nessa época turbulenta que Daishonin se dedicou a incentivar as pessoas, buscando iluminar com a luz da esperança a sociedade obscurecida pelo caos e confusão.

Várias vezes perseguido e exilado pelas autoridades do governo por se manter fiel às suas crenças, Nichiren Daishonin com frequência escrevia cartas a seus discípulos em um esforço para transmitir coragem, mesmo quando estava fisicamente distante deles. Em certa ocasião, ele escreveu as seguintes palavras a uma discípula que havia perdido o marido: "Seu falecido marido tinha um filho doente e uma filha. Não posso deixar de pensar na angústia que

ele sentiu, sabendo que partiria deste mundo e que teria de abandonar os filhos, bem como a esposa idosa, frágil como uma árvore seca".¹³

Ainda assim, ele escreve, "o inverno nunca falha em se tornar primavera". Por meio dessas palavras, Daishonin buscou transmitir a seguinte mensagem de encorajamento: no presente, você pode estar se sentindo esmagada pelo desespero, como se os ventos gélidos do inverno a assolassem. Mas isso não durará para sempre. O inverno nunca falha em se tornar primavera. Rogo a você que viva com coragem e força. Antes de concluir sua carta, Daishonin acrescenta que ela poderia ficar tranquila, pois o marido estaria sempre protegendo a família, trazendo assim uma cálida luz da primavera a essa mulher para quem o tempo havia parado e a vida fora congelada pelo inverno do falecimento do marido.

Dessa forma, Nichiren Daishonin transmitiu seu coração à leitora por meio de suas palavras. Vencendo a distância física, ao serem lidas, elas adquiriam vida e ficavam profundamente gravadas na vida do destinatário.

Apesar de nossas circunstâncias atuais serem distintas da época de Daishonin, a desordem generalizada provocada por esta pandemia levou muitas pessoas à beira do desespero, com a sensação de que sua vida havia parado abruptamente e se encontrando de forma súbita sem qualquer meio de sustento, incapazes de planejar um futuro.

Se uma pessoa nesse estado for obrigada a suportar o fardo do seu sofrimento sozinha, sem o apoio de uma rede de segurança ou de conexões interpessoais, seu mundo se tornaria desolador. No entanto, assim que alguém percebe a situação e contata essa pessoa, e ela sente a luz calorosa e atenciosa de outros iluminando sua existência, acredito que ela seja capaz de reunir a força necessária para reconstruir a vida e recuperar sua dignidade.

Como herdeiros do espírito de Nichiren Daishonin, os membros da SGI, nos 192 países e territórios, realizaram a prática da fé e o engajamento social determinados a nunca deixar para trás aqueles que lutam nas profundezas do sofrimento. Essa convicção é traduzida nas palavras do meu mestre, Josei Toda: "Desejo banir a palavra 'miséria' do mundo; que ela nunca mais seja utilizada por um país ou por qualquer pessoa".¹⁴

O ponto importante aqui é que Toda sensei focava a eliminação da miséria em todas as dimensões da vida: pessoal, nacional e mundial. Perante as injustiças globais que ainda persistem, as questões que diversos países enfrentam ou as severas condições que afetam as pessoas, devemos continuar inabaláveis, a lutar juntos pela eliminação do sofrimento que poderia ser evitado, construindo pontes entre quaisquer diferenças que nos distanciem. Essa determinação fundamenta e direciona os esforços da SGI para aprofundar os laços de cooperação com organizações não governamentais (ONGs) e organizações baseadas na fé (OBF) na busca por soluções para os desafios

globais.

De certa forma, a história humana consiste em uma série ininterrupta de ameaças, e talvez seja inevitável continuar a enfrentar os mais diversos perigos. Essa é a razão pela qual se torna crucial a construção de uma base social sólida para eliminar a miséria a fim de que, mesmo quando confrontados com ameaças ou desafios mais intensos, nunca deixemos para trás aqueles que são mais vulneráveis e lutam nas profundezas da adversidade.

No decorrer da crise da Covid-19, fomos solicitados a manter o distanciamento físico, tornando mais difícil discernir as condições nas quais os outros se encontram. Não posso deixar de destacar que movimentos religiosos e OBF têm importante papel a desempenhar nos esforços de auxílio para nos certificar da permanência de nossa bússola principal — o reconhecimento de que somos todos indivíduos que coexistem em sociedade.

A pandemia impactou gravemente o mundo, e encontrar o caminho para fora desse labirinto está longe de ser fácil. No entanto, acredito que o "fio de Ariadne", que permitirá a cada um de nós emergir dessa crise, se tornará visível quando nos deixarmos ser tocados pelo peso da vida de cada pessoa e, a partir daí, considerarmos o que seria mais urgente fazer para proteger e apoiar essa vida.

Notas:

3. CHANCELER FEDERAL. *An Address to the Nation* [Discurso à Nação].

4. Veja SOKA GAKKAI. *Soka Institute to Plant One Amazonian Tree for Each Brazilian COVID-19 Victim* [Instituto Soka Amazônia Plantará uma Árvore Nativa da Amazônia para Cada Brasileiro Vítima da Covid-19].

5. Veja ONU Mulheres. *The Shadow Pandemic* [A Sombra da Pandemia].

6. Veja KERKHOVE. *WHO Emergency Press Conference [Coletiva de Imprensa de Emergência da OMS]*, p. 6.
7. UN NEWS CENTRE. *Our "New Normal" Requires Human Contact [Nosso "Novo Normal" Requer Contato Humano]*.
8. GUTERRES. *The World of Work [O Mundo do Trabalho]*.
9. UNICEF. *Fact Sheet: Lack of Handwashing with Soap [Ficha Técnica: Falta de Higienização das Mãos com Sabão]*.
10. Veja ELIADE. *A History of Religious Ideas [A História das Ideias Religiosas]*, v. 2, p. 50-51.
11. NICHIREN. *The Writings of Nichiren Daishonin [Os Escritos de Nichiren Daishonin]*, v. II, p. 920.
12. *Ibidem*, p. 768-769.
13. NICHIREN. *Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin*, v. I, p. 560.
14. (tradução de) TODA. *Toda Josei Zenshu [Obras Completas de Josei Toda]*, v. 3, p. 290.